

Igreja em tempo de repressão: IECLB, 1970, à luz de alguns de seus meios de comunicação.

Edson E. Streck

1.0 — Brasil 70: Meios de Comunicação em tempo de repressão

1.1 — Brasil: 1968-70

Millôr Fernandes dá o seguinte conselho aos leitores da revista *Veja* (30/04/69): “Vocês aí que sempre economizaram tanto para os dias piores, podem começar a gastar o dinheiro: os dias piores já chegaram”. Afirmações deste estilo — e muitas outras — fizeram com que ele, junto a seus colegas que também escreviam no jornal “*Pasquim*”, passasse vários dias preso. Preso, como estavam presos jornalistas, escritores, estudantes, pessoas do clero e diversos outros, acusados de terem infringido a Lei de Segurança Nacional.

Vejamos mais de perto alguns acontecimentos que marcam estes anos. Final de 1968: o general Costa e Silva continua a governar o país na linha do golpe militar de 64⁽¹⁾. São meses agitados por greves e inquietações, que surgem sobretudo nos setores trabalhistas e estudantis, os setores mais marginalizados pelo sistema. Há muitas prisões.

A repressão é fortalecida com a criação do Conselho Superior de Censura. E chega o dia 13 de dezembro de 1968, no qual Costa e Silva assina o Ato Institucional nº 5: entre outras medidas, o Congresso é colocado em recesso. E todo o poder concentra-se

(1) Na primeira parte desta preleção usou-se como recurso audiovisual: edições da revista “*Veja*”, expostas como em banca de revistas; capas de jornais da época; gravações de pronunciamentos e músicas. Dados e descrições históricas eram ilustrados com o uso destas fontes. Para lembrar o golpe militar de 64 e a linha de governo que havia na época após, foi mostrada a capa da revista “*Veja*” nº 82, que trazia como manchete “Os militares e o poder”.

nas mãos do presidente: ele passa a assumir “o controle integral sobre a realidade civil brasileira”(2). Cria-se a Lei de Segurança Nacional, que dá poderes para exercer censura plena e controlar a participação política em geral.

Costa e Silva, doente, deixa a presidência (setembro de 69). Uma junta militar toma o poder (no lugar do vice-presidente, que é civil)(3). Cria-se uma das mais sérias crises político-institucionais da nação(4).

Os detentores do poder ocupam-se, em escala crescente, com o que denominam combate ao terrorismo(5). A violência urbana aumenta. Pequenos focos de guerrilha organizam-se no interior do país. Para combater a subversão, para garantir a ordem, usam-se todos os meios possíveis: entre eles a força policial, o exército e — de forma acentuada — os meios de comunicação de massa. Segundo Maria Helena Moreira Alves, este é o “mais violento período de repressão na história brasileira”(6). A tortura é institucionalizada, segundo a mesma autora, apesar de o governo afirmar publicamente que ela não existe(7). Somam-se os seqüestros de diplomatas estrangeiros, que são resgatados em troca de presos políticos(8). Discute-se, em todos os meios, a necessidade, ou não, da aplicação da pena de morte. Enquanto isso o Esquadrão da Morte age, torturando e dando um fim brutal, sem julgamento, a grande número de pessoas que considera indignos para a vida(9).

A igreja católica, em alguns de seus setores, continua em atrito com o governo: em conseqüência, alguns padres e freiras são presos, outros assassinados. Pessoas ligadas ao poder acusam o clero, seguidas vezes, de permitir a “infiltração comunista” em seu meio. Por ocasião da morte de Marighella(10), festejada nos círculos policia e governamentais, por ter sido procurado por lon-

(2) Victor CIVITA, comp., **Nosso Século: 1960/1980**, p. 160.

(3) Veja n° 52: “Costa e Silva doente; ministros militares assumem”.

(4) Veja n° 54: “Quem pode ser presidente”, mostrando fotos de seis homens do exército; Veja n° 56: “Quem é Garrastazu Médici”.

(5) Veja n° 49: “Os terroristas: quem são? onde estão? que querem?”.

(6) Maria H.M. ALVES, **Estado e Oposição no Brasil**, p. 160.

(7) Veja n° 65: “O presidente não admite torturas”.

(8) Veja n° 80: “O seqüestro do cônsul”.

(9) Veja n° 99: “Esquadrão: a justiça ferida”.

(10) Veja n° 62: “O terrorismo morreu com Marighella?”.

go tempo como terrorista, várias pessoas do clero católico são presas (entre elas Frei Betto)⁽¹¹⁾. Continua muito tenso o relacionamento entre alguns setores e líderes católicos e o governo.

O governo procura ganhar popularidade. Investe alto em agências de publicidade que se preocupam em melhorar a sua imagem junto ao povo⁽¹²⁾. Caparelli comenta: "Apesar de constituir um governo de orientação mais autoritária, com o predomínio da linha **dura** e o fortalecimento dos órgãos de informação, o General Médici procurou a criação de uma imagem popular, humana, paterna"⁽¹³⁾. Aposta-se, como nunca, na criação de uma imagem positiva do Brasil na opinião pública⁽¹⁴⁾. Ganham espaço, pelos meios de comunicação, "temas mais populares como carnaval, vestibular, família, futebol, liberdade..., patriotismo, segurança nacional, alegria, união..."⁽¹⁵⁾ A agência Nacional e a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) da Presidência da República determinam a imagem a ser construída⁽¹⁶⁾.

Projeta-se, assim, a imagem de um Brasil "grande potência": as exportações aumentam, empresas multinacionais são beneficiadas pelo governo⁽¹⁷⁾. Esta aí o "milagre brasileiro", o "milagre econômico"⁽¹⁸⁾. Luiz L. Lopez comenta que, economicamente, "o chamado 'milagre brasileiro' serviu para encobrir as verdades da distorção da distribuição de renda e das injustiças do sistema de um modo geral"⁽¹⁹⁾. A expansão econômica se faz dentro das seguintes regras: severo controle estatal, concentração de renda e dependência estrita do capital estrangeiro⁽²⁰⁾. As conseqüências atingem principalmente o operário pouco remunerado: trabalha mais horas, mas seu poder aquisitivo diminui⁽²¹⁾. Seus sindicatos, ainda segundo Lopez, "que nunca tinham sido livres, eram menos livres do que nunca"⁽²²⁾. A doutrina da Escola

(11) Veja nº 63: "Os sacerdotes da violência".

(12) Veja nº 95: "A nova imagem de Médici".

(13) Sérgio CAPARELLI, **Comunicação de massa sem massa**, p.30.

(14) Veja nº 115 traz uma propaganda com o slogan "Ontem, hoje e sempre".

(15) Sérgio CAPARELLI, op. cit., p.31.

(16) Veja nº 51 traz uma propaganda do Conselho Nacional de Propaganda.

(17) Veja nº 79, esp., traz uma propaganda com o convite "Yankees come here".

(18) Veja nº 70: "Porque Delfim é otimista".

(19) Luiz R. LOPEZ, **História do Brasil contemporâneo**, p. 118s.

(20) Cf. id., op. cit., p. 124s.

(21) Cf. id., op. cit., p. 125; cf. Maria H.M. ALVES, op. cit., p. 151, 153 (tabelas); cf. Pedrinho A. GUARESCHI, **Comunicação & Poder**, p. 71s.

(22) Luiz R. LOPEZ, op. cit., p. 127.

Superior de Guerra, citando Maria H. M. Alves, “aceita expressamente a necessidade de sacrificar a geração presente e mesmo **sucessivas** gerações como preço da rápida acumulação de capital”(23). Argumenta-se que é necessário, em primeiro lugar, aumentar o “tamanho do bolo”, para depois reparti-lo(24).

Os meios de comunicação de massa (=MCM) desempenham um papel importantíssimo na implantação e aceitação deste modelo. O brasileiro — mesmo ganhando menos — é incentivado a consumir bens de consumo duráveis. Campanhas publicitárias induzem-no a adquirir: carros, eletrodomésticos, ações na bolsa de valores, roupas... Os MCM “trabalham para a criação de necessidades e desejos”, ao passo que outras necessidades “mais urgentes como educação, saúde, etc, são postergados e o povo começa a comprar bens supérfluos”(25). Não muda muito o relacionamento que marca tão desgraçadamente toda a história do Brasil, o relacionamento colônia-metrópole: os “países latino-americanos são exportadores de matéria-prima e importadores de bens superestruturais (ideológicos) e culturais”(26). Em palavras simples: “os países pobres enviam cobre e os países ricos mandam de volta máquinas para extrair o cobre e, evidentemente, **Coca-cola**”(27). Quem impôs este “modelo econômico” ao país tinha noção da importância dos MCM: “Para esta operação funcionar, corretamente, é essencial que se controlem os instrumentos de comunicação social, e isso foi conseguido”(28). Há quem os compara a modernos cavalos de Tróia: aparelho de TV, revistas, rádio, p.ex., são trazidos como algo inocente, extremamente benéfico, para dentro de uma casa, mas podem descarregar, em doses contínuas, de forma sutil ou explícita, o veneno suficiente para corromper um povo, ou iludi-lo.

E a maior parte da população passa a acreditar na “grande potência”. O Brasil passa a ser revelado no que tem de melhor, é o “maior do mundo” em vários sentidos. Certas notícias são canalizadas para uma vigorosa onda de ufanismo — algumas até viram samba(29): o limite do mar territorial é ampliado de 12 para 200

(23) Maria H.M. ALVES, op. cit., p. 147.

(24) Cf. id., ibid.

(25) Pedrinho A. GUARESCHI, op. cit., p. 70.

(26) id., op. cit., p. 74.

(27) id., ibid.

(28) id., op. cit., p. 77.

(29) “Os Incríveis” cantam, p. ex., “Eu te amo, meu Brasil, eu te amo...”

milhas; a loteria esportiva é implantada e cativa milhões, tornando-se uma fonte inesgotável de arrecadação para os cofres públicos⁽³⁰⁾; é lançado o MOBREAL para combater o fantasma do analfabetismo; o tricampeonato mundial de futebol, que representa a vinda definitiva da taça Jules Rimet ao Brasil, cai como uma luva nesta campanha⁽³¹⁾; ao som de “90 milhões em ação”, os jogos são mostrados ao vivo pela televisão (primeira copa ao vivo); sob a liderança do torcedor nº 1 — Médici — acontece um carnaval em pleno inverno; ao mesmo tempo tem início a construção da Transamazônica e de outras obras gigantescas⁽³²⁾.

Mas onde está a oposição em todo este tempo? Continua sendo calada. O próprio governo criou o partido de oposição, quando fez surgir o bipartidarismo: ARENA e MDB. As vozes mais críticas são afastadas, por prisão ou cassação. A impotência do partido de oposição torna-se evidente nas eleições realizadas em 1970: “foram precedidas de uma onda de prisões sem mandato judicial. O clima entre os opositoristas era de isolamento e medo. E o MDB, desmoralizado e impotente foi massacrado nas urnas. A quantidade de votos nulos chegou a 30%”⁽³³⁾.

Os meios de comunicação de massa ajudam a transmitir uma imagem de otimismo ao povo em relação a estes anos⁽³⁴⁾. A tal ponto de Médici declarar, em 1973: “Sinto-me feliz, todas as noites, quando ligo a televisão para assistir ao jornal. Enquanto as notícias dão conta de greves, agitações, atentados e conflitos em várias partes do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se eu tomasse um tranqüilizante, após um dia de trabalho”⁽³⁵⁾.

1.2 — Aspectos ligados aos meios de comunicação de massa

Algumas reações dos MCM, nestes anos de repressão, já vieram à tona no que acabamos de ver. Para nos situarmos melhor no ambiente vivido nos bastidores dos meios de comunicação,

(30) Veja nº 119: “Loteria: boa ou má?”.

(31) Veja nº 74: “Brasil, para sempre”.

(32) Veja nº 110: “A década da Amazônia”.

(33) Victor CIVITA, comp., op. cit., p. 181. Vejanº 138: mostra antiga caricatura e pergunta, dirigindo-se a pessoas da oposição: “Afiml, Vossas Excellencias são contra o quê?”

(34) Veja nº 122: “Os brasileiros respondem: 1970 foi bom, 1971 será melhor”.

(35) Apud Victor CIVITA, comp., op. cit., p. 180.

neste período, é necessário dedicarmos um pouco mais de atenção a alguns aspectos: 1) a descoberta, por parte do governo, do imenso poder que os MCM exercem sobre a opinião pública; 2) a necessidade, por parte daqueles que governam, de canalizar as informações para os seus objetivos.

1.2.1 — Comunicação é poder

“É próprio da comunicação”, afirma Bordenave, ao falar da comunicação num aspecto amplo, “contribuir para a modificação de significados que as pessoas atribuem às coisas. E, através da modificação de significados, a comunicação colabora na transformação das crenças, dos valores e dos comportamentos”. É necessário ver, também, o reverso desta afirmação: a não-modificação de significados, ou a manipulação deles, colabora para a estabilidade, confirmação e permanência das crenças, dos valores e dos comportamentos. Vendo estes dois lados, não há como não concordar com a colocação: “Daí o imenso poder da comunicação. Daí o uso que o poder faz da comunicação”(36).

Guareschi, em seu livro “Comunicação & Poder”, parte de uma definição de Althusser, que “inclui a comunicação entre os Aparelhos Ideológicos do Estado..., mostrando como o Estado, através da imprensa, rádio e televisão, manipula o povo ideologicamente”. Tal “ideologia reforça e reproduz as relações existentes de produção”. Esta reprodução é organizada e garantida através dos Aparelhos Ideológicos do Estado, “tais como a escola, a religião, que ajudam a formar as atitudes e organizar a vida cotidiana”(37). Esta afirmação nos interessa de momento, já que pretendemos ver como na IECLB se responde a problemas vividos no Brasil nestes anos marcados pela repressão. Até que ponto a nossa igreja ajudou a confirmar a situação, através de seus meios de comunicação? Até que ponto procuraram-se meios, na Igreja, para formar uma consciência crítica nos brasileiros que lhe estavam próximos e acessíveis? Logo veremos bem de perto estas questões. Resta-nos, antes, fixar a atenção principalmente em dois aspectos que marcam toda a atuação da imprensa do país nestes anos. Entre outros pontos, vamos deter-nos: 1) na ação da censura; 2) na

(36) Juan E. Díaz BORDENAVE, *O que é comunicação*, p. 92.

(37) Pedrinho A. GUARESCHI, *op. cit.*, p. 16.

seleção de notícias. Vê-los, ajuda-nos a situar e compreender as reações das pessoas que escrevem e falam, ouvem e lêem, agem e estagnam, no âmbito da IECLB. Se não nos situarmos devidamente nestes aspectos, corremos o risco de realizar uma cômoda, mal intencionada e covarde “caça às bruxas”.

1.1.2 — Censura

Hoje nos é relativamente fácil perceber que as notícias que alcançaram os brasileiros no final da década de 60 e grande parte dos anos 70 foram devidamente dirigidos pelos interesses do governo e de seus aliados. Um dos meios de exercer o controle sobre a informação que deveria — ou não deveria — chegar ao povo foi o uso de uma rigorosa censura. Maria H.M. Alves, ao abordar o papel da Associação Brasileira de Imprensa nesta época, comenta inicialmente: “Uma das necessidades essenciais de um Estado repressivo é limitar o fluxo de informações à disposição da população, ocultar abusos de poder e impor um silêncio que não só limite a oposição como aumente o sentimento de isolamento e medo...”⁽³⁸⁾. O jornalista Perseu Abramo, citado neste mesmo livro, fala de duas formas de a censura ter sido exercida no Brasil: a censura “**a priori**” e a censura “**a posteriori**”. A primeira, a censura prévia, assume diversas formas: 1) O censor instala-se na sede do veículo de informação e examina todas as matérias, eliminando trechos considerados ofensivos. 2) As editoras são obrigadas a enviar todo o material que pretendem tornar público a um departamento do governo. Todo o material que não for liberado, não poderá ser publicado ou transmitido. Esta é uma forma de causar a morte econômica de vários órgãos, pois traz enormes prejuízos financeiros. 3) Outro modo de exercer pressão e censura sobre os órgãos consiste em denunciar criminalmente, prender ou exilar: jornalistas, editores e proprietários de MCM. — A outra forma de censura, “a posteriori”, também se manifesta de várias maneiras: 1) Toda a edição de um jornal ou revista pode ser apreendida antes de chegar aos leitores, ou um programa impedido de ser levado ao ar. Também esta forma de censura pode levar — e leva de fato — alguns órgãos à falência e ao silêncio. 2) Todo um programa, ou parte dele, pode ser requisitado pelo governo para ser examinado minuciosamente. 3) Notícias já liberadas e, portan-

(38) Maria H.M. ALVES, op. cit., p. 212.

to, divulgadas, mas que desgostam ou irritam um membro do governo, também podem ser motivo de ação contra o órgão que veiculou as informações⁽³⁹⁾.

Outros meios, importantes na veiculação de idéias, sofrem o controle da censura: teatro, literatura, cinema, música... Nestes meios há cortes, proibições de execução pública, fechamento de casas de espetáculos, veiculação de notícias que constroem imagem deturpada de artistas e escritores... Censores estão presentes em espetáculos públicos, artistas deixam o país por alguns anos em exílio voluntário ou forçado, canções só vão ao ar depois de liberadas pela censura da Polícia Federal, livros de brasileiros são publicados em outros países (hoje já estão traduzidos para o “brasileiro”), filmes esperam meses e anos pela liberação...⁽⁴⁰⁾

Este tipo de censura provoca, naturalmente, uma forte autocensura nos próprios MCM. Para evitar prejuízos maiores, para sua empresa e para si próprio, até mesmo pessoas esclarecidas, que percebem o que se passa, começam a ter maior cuidado com o que dizem, falam, escrevem e até com o que pensam. É a reação de quem argumenta que, melhor do que morrer por uma causa, é continuar vivo por ela — mesmo temporariamente calado. Esta autocensura não parte apenas de proprietários ou dos que se comunicam diretamente com o povo, mas é exercida pelo próprio povo. À medida que leitores, telespectadores e ouvintes se inflamam com a imagem de um país que ninguém mais segura, é compreensível que se revoltam contra tudo o que cheira a comunismo como se cheirasse a enxofre. E se deleitam por viverem — finalmente — neste paraíso que é o Brasil, num clima de tanta paz, liberdade e justiça social que lhes é transmitido. Pois bem, à medida que os próprios consumidores das notícias se posicionam desta forma, querem ver confirmadas sua posição, sua idéia, sua imagem. Vende mais quem fala o que o receptor quer ler, ouvir e ver.

Tenhamos presentes estas formas de censura, logo mais, quando analisarmos alguns meios de comunicação na IECLB nesta época.

(39) Cf. id., op. cit., p. 212-4.

(40) Cf. id., op. cit., p. 214s; cf. Sérgio CAPARELLI, op. cit., p. 35.

1.2.3 — Seleção de notícias

Outro aspecto que se liga fundamentalmente ao que veremos a seguir é o caminho que uma notícia percorre para chegar — ou ser impedida de chegar — do fato ao receptor.

As mensagens que os MCM irradiam têm caráter ideológico. Esta afirmação é desdobrada por Guareschi⁽⁴¹⁾. Ele toma como óbvias velhas teses, como a “de que as idéias dominantes em uma sociedade são as idéias da classe dominante, que, conseqüentemente, determina o que é importante nessa situação histórica”. “A ideologia dominante cumpre uma função prática: ela confere certa coerência e relativa unidade, ela cimenta e unifica o edifício social”. E deduz que sem a “ajuda dos meios de comunicação, esse jogo não poderia ser feito”. Traça, além disso, um paralelo desta forma de legitimar a dominação interna ao relacionamento entre os países: “assim como o papel dos meios de comunicação de massa, dentro de um determinado país, é o de legitimar a dominação de uma classe sobre as outras, assim, também, entre diversos países, eles servem como legitimadores do imperialismo de um país sobre outro”⁽⁴²⁾.

Vamos tomar dados bem concretos para entender como esta dominação acontece na realidade.

A maior parte das informações sobre o mundo, que nos chegam pelos MCM, é fornecida por agências de notícias. Há vários estudos neste campo. Um deles, de 1967, mostra que em 29 jornais latino-americanos 84% das notícias estrangeiras vinham por meio de agências noticiosas. Destas notícias, menos de 1% era fornecido pela ORBE (latino-americana), 50% pela UPI (United Press International), 30% pela AP (Associated Press) e 13% pela France Press⁴³.

Em rápidos traços, o caminho percorrido pela notícia é o seguinte, via de regra. Milhares de palavras são escritas nas formulações originais de uma notícia. As agências têm seus fiscais que selecionam o material, decidindo o que será engavetado e o que será divulgado. As notícias passam, portanto, pelos preconceitos mais diversos destes fiscais. É evidente a facilidade que se cria pa-

(41) Pedrinho A. GUARESCHI, op. cit., p. 19ss.

(42) id., op. cit., p. 21.

(43) id., op. cit., p. 35s.

ra o controle, isto é, para a manipulação do fluxo das notícias. "Somente um pequeno grupo de pessoas decide se determinada notícia será feita, e, depois de escrita, se será enviada, e, se enviada, a quem será enviada" (44). O próprio meio que as recebe, devidamente direcionadas pelas agências, exerce uma nova operação de filtragem, de cortes, escolhendo a viabilidade e o modo de divulgá-las. É óbvio que os proprietários e os que financiam um MCM apenas vão veicular as notícias que querem, que lhes interessam. Isso faz da seleção do que vai ser dito um dos trabalhos mais importantes em um MCM. E exige que, para uma leitura crítica dos meios, também sejam vistos todos os acontecimentos que **deixam** de ser divulgados. "A força dum meio de comunicação está, muitas vezes, mais no silenciar do que no comunicar"(45).

Outra maneira decisiva é a combinação: quando há notícias que de forma alguma podem deixar de ser comunicadas, mesmo que não interesse ao meio de comunicação fazê-lo, elas são combinadas e retransmitidas de tal forma que saiam devidamente deturpadas(46). Isto ocorre, na prática, quando se rotulam pessoas ou grupos: Allende, p.ex., quase sempre é apresentado como o "marxista", ou "comunista" ou "socialista" Allende, o amigo de Cuba; Nixon jamais é apontado nas notícias como sendo o "capitalista" Nixon(47).

Vamos ver um exemplo de como agências norte-americanas conseguem tratar nossos assuntos e países latino-americanos através destes mecanismos. Um representante da AP enviou de Buenos Aires 100 notícias para Nova Iorque. Os fiscais da agência selecionaram só 8: as que mais interessavam à agência no momento. Das 100 notícias, "apenas 13 eram sobre crimes e violência, mas das oito re-escritas e re-enviadas de Nova Iorque para o resto do mundo, a metade era sobre crime e violência"(48). É lógico que os que recebem tais notícias, sob este prisma, criam a imagem de que aqui somos violentos, tarados, terroristas, desumanos, bandidos, sem civilização, autênticos João Bafo de Onça e Irmãos Metralha. Ao mesmo tempo constroi-se em nós a imagem de americanos e europeus super-heróis, fantásticos, gênios, preo-

(44) id., op. cit., p. 36.

(45) id., **Sociologia crítica**, p. 100s.

(46) id., **Sociologia...**, p. 108s.

(47) id., **Comunicação...**, p. 63.

(48) id., **Sociologia...**, p. 109

cupados com a fome no Terceiro Mundo... e nós copiamos suas modas, compramos seus produtos para sermos "mais gente". Isto acontece, porque recebemos as notícias como sendo objetivas, neutras, absolutamente fiéis aos fatos, imparciais⁽⁴⁹⁾.

"Veja você", conclui Guareschi, "como a comunicação brasileira é, na realidade, pouco nossa, mas muito controlada, tanto pelos de fora, como por alguns de dentro. Quem detém o poder, detém a comunicação, e quem detém a comunicação, procura deter o poder: os dois andam sempre juntos"⁽⁵⁰⁾.

1.3 — Meios de escapar ao controle

Retornemos a 1970! Nesta época em que os MCM têm sua vida marcada pela repressão, principalmente sob o aspecto da censura, nem todos se aliam totalmente a quem impõe as regras do jogo. Surgem diversas formas e tentativas de driblar a censura: jornais alternativos procuram ganhar espaço (a imprensa "nanica"), órgãos ligados a igrejas também tentam dar a sua versão dos fatos. São alguns exemplos. A maior parte encontramos, entretanto, na música, no humor, no teatro, na literatura... A linguagem grupal, por metáforas, o uso de símbolos tornou-se uma forma de transmitir mensagens que chegavam com mais facilidade e com menos proibições aos "iniciados".

Um exemplo: determinado jornal teve censura prévia. Mesmo assim não deixou de circular. E como havia espaço para preencher, usou-o para mostrar o seu protesto e levar a sua mensagem — clara para os entendidos, obscura ou in-censurável para os censores⁽⁵¹⁾.

2.0 — Meios de Comunicação da IECLB — 1970

2.1 — Fôlha Dominical

Não há condições de enumerar, aqui, todos os meios usados na IECLB para transmitir a Palavra de forma interpessoal, oral e

(49) Cf. id., **Sociologia...**, p. 102.

(50) id., *ibid.*

(51) Capa de um jornal nos dias do Ato Institucional nº 5: na primeira página há classificados, matéria oficial, foto fora de nexa, notas sobre o tempo, lembrança sobre o "dia dos cegos".

impresa. Assim, escolho para nossa análise a Fôlha Dominical (=FD). Surgida em 1886, é o maior veículo impresso, de edição regular, na IECLB; neste ano de 1970: 10.100 exemplares. Analisando-a sob diversos aspectos e enfoques, poderemos ter uma idéia bem mais clara de uma forma de reagir e agir, em nossa Igreja, nestes tempos de repressão e sob censura. Para tal, tomaremos todas as edições — são 52 — que a FD tem neste ano.

2.1.1 — A quem se dirige

Órgão limitado inicialmente ao Sínodo Riograndense — Jornal Evangélico a partir de 1972 — a FD dirige-se exclusiva e diretamente a membros da IECLB. Sua circulação limitada e dirigida percebe-se ao olharmos para dois aspectos: a língua em que transmite sua mensagem e os principais temas a que se dedica.

2.1.2 — Língua

Somando, artigo por artigo, todos os espaços ocupados nas suas 52 edições, tem-se o seguinte quadro, por edição:

português: 2,22 páginas

alemão : 5,78 páginas

total: 8,00 páginas

2.1.3 — Assuntos

Toda a matéria publicada nas edições deste ano pode ser classificada sob os seguintes temas:

	no ano de 1970					
	total de páginas			média por edição		
	port.	al.	total	port.	al.	média
1. Meditações (lema do mês, da semana, da época...)	30	72	102	0,58	1,38	1,96
2. Notas sobre Comunidades, Distritos, Regiões, IECLB	24	45	69	0,46	0,87	1,33
3. Falecimentos, gerações...	10'	53'	63	0,19'	1,02'	1,21
4. Temas teológicos, informações...	43	77	120	0,83	1,48	2,31

5. Diversos (propagandas, artigos em geral, poesias, contos...)	8'	21'	29	0,16'	0,40'	0,56
6. "Aus Welt und Zeit"	—	33	33	—	0,63	0,63
Total	115	301	416	2,22	5,78	8,00

É óbvio: a FD é escrita para membros da IECLB, principalmente para aqueles que têm conhecimento da língua alemã. Destina-se sobretudo para edificação interna: seja a nível individual de leitores (meditações, temas), seja para veiculação de informações de interesse de certas famílias (falecimentos e gerações), de certas comunidades evangélicas e de órgãos e setores de trabalho da IECLB (informações e notas). Não está entre seus objetivos principais — e isto não é uma acusação, apenas uma constatação a partir destes dados — dar peso para aquilo que acontece no mundo, na sociedade em geral. Há jornais especializados que fazem destas notícias seu objetivo principal. Além disso, está longe das possibilidades da FD trazer notícias quentes (ou fresquinhas) a seus leitores. Ela não pretende, nem consegue, dar "furos de reportagem", pois o jornal é confeccionado com semanas de antecedência, chegando, em certos casos, a alcançar seus leitores bem antes do dia impresso na capa.

2.1.4 — "Aus Welt und Zeit"

Tendo em mente algumas colocações feitas há pouco, quando falávamos sobre censura e sobre a seleção de notícias, concentramos nosso enfoque agora num pequeno espaço que a FD reserva para divulgar notícias "do mundo e da época" ("Aus Welt und Zeit"). Certamente alguns dos leitores da FD não recebem outras informações, a não ser estas — sobre o que acontece no mundo. Mesmo que recebam informações por outros meios de comunicação, os fiéis membros da IECLB colocam confiança especial na forma como as notícias são veiculadas pelo jornal da sua igreja. Tais notícias, mesmo sendo divulgadas com dias ou semanas de atraso, podem ser trabalhadas na redação do jornal. Elas certamente são selecionadas, adaptadas, reescritas ou simplesmente retransmitidas da forma como chegam à redação. Seja como for, elas passam por um crivo, por aquilo que chamamos de fiscalização quando nos referíamos acima às agências de notícias. E neste

ponto concentraremos o peso de nossa análise e de coleta de dados: de que forma chegam as notícias sobre a atual situação brasileira e mundial aos leitores da FD? quais as notícias mais divulgadas? quais os rótulos que estão presentes quando informações são trazidas sobre pessoas, grupos, países? que imagem é divulgada de personalidades, acontecimentos, situações?

2.1.4.1 — Notícias divulgadas

As notícias divulgadas podem ser classificadas sob os seguintes tópicos:

	total de notas	percentual
Brasil	230	50,3%
Terrorismo	49	10,7%
Rússia e países socialistas	41	9,0%
Estados Unidos ⁵²	31	6,8%
Israel/Árabes	27	5,9%
Alemanha(BRD)	19	4,1%
Igreja católica	9	2,0%
Diversos	51	11,2%
Total	457	100%

As notícias do Brasil ocupam a metade do espaço e da atenção, nesta pequena coluna da FD. É natural que também nós lhe dediquemos tempo e espaço.

2.1.4.2 — Brasil

Das notícias divulgadas sobre questões e acontecimentos nacionais, há referência aos tópicos que se encontram na tabela abaixo. Uma observação: as referências são em número superior ao das notícias, porque algumas abordam vários tópicos; p. ex.: a notícia "Médici inaugurou uma estrada que facilita a exportação da safra de soja" é composta por 3 tópicos: Médici, desenvolvimento, exportação.

(52) As notícias sobre países socialistas trazem preponderantemente aspectos negativos. Entre as 31 notícias dos EUA, há só uma crítica. Há elogios até mesmo para questões controvertidas como a guerra do Vietnam.

	total de referências	percentual
Desenvolvimento	77	27,8%
Terrorismo/segurança	34	12,2%
Produção	32	11,6%
Presidente (Médici)	27	9,8%
Exportação/comércio exterior	19	6,9%
Educação/Mobral	12	4,3%
É o "maior"	11	4,0%
Catástrofes	10	3,6%
Inflação	7	2,5%
Diversos	48	17,3%
Total	277	100%

2.1.4.2.1 — Desenvolvimento

Das 77 referências ao Brasil como um país em franco desenvolvimento, temos o seguinte quadro, que dá aos leitores da FD a idéia de um governo e de um presidente que constrói, realiza projetos, tem bom relacionamento com indústrias, favorecendo o surgimento de milhares de novos empregos e possibilitando, desta forma, que melhore o nível de vida de muitos brasileiros.

Transportes (rodovias-23; ferrovias-4; portos-2; pontes-2)	31
Projetos para desenvolvimento do Norte e Nordeste	18
Referências a indústrias que produzem ou se instalam	7
Novos empregos criados com os projetos	7
Nível de vida melhora para inúmeros brasileiros	7
Exército ajuda (construção de rodovias-3)	4
Hidrelétricas	3
Total	77

2.1.4.2.2 — Terrorismo/Segurança nacional

Das 34 referências feitas a atos de terrorismo, 7 referem-se a seqüestros de pessoas, 7 a seqüestros de aviões e 5 a assaltos.

Para que se tenha uma idéia da imagem que se projeta das pessoas que garantem a ordem neste país, é necessário ver como são descritas suas ações e seu envolvimento. Os autores destas medidas são vários: a justiça, o presidente, a Polícia Federal, a polícia, o exército e outros agentes responsáveis pela segurança.

São as seguintes as medidas tomadas por estes agentes:

- condenar seqüestrador-1;
- proibir publicações que atentam contra moral, bons costumes e segurança nacional e que servem à subversão-1;
- libertar presos políticos em troca de seqüestrados-2;
- sair à procura de seqüestradores-2
- interrogar presos-2;
- descobrir planos futuros-2;
- esclarecer que, por causa do número de assaltos, a polícia já não consegue mais diferenciar, nas investigações, os crimes políticos dos que são apenas de natureza criminal-1;
- assegurar o clima para as eleições, prendendo 262 pessoas e deixando o exército em prontidão-2;
- pensar na possibilidade de colocar presos a trabalhar na construção da Transamazônica, junto com seus familiares-1;
- devolver os subversivos jovens a seus pais-1;
- manifestar-se contra atos do Esquadrão da Morte-2;
- impedir seqüestros-2;
- impedir os saques dos flagelados ao comércio, no Nordeste-1;
- prender e manter os presos sob custódia-6.

Um pequeno detalhe encontramos nas formulações usadas para transmitir a morte de dois homens que durante muito tempo são procurados como subversivos dos mais perigosos:

“Marighela morreu em choque com a polícia”(nº 18)

“O líder terrorista “Toledo”, descoberto pela polícia, resistiu de forma violenta e morreu de ataque cardíaco” (nº 46).

Mas como são estas pessoas tão procuradas, tão temidas? Quais os nomes que a própria FD lhes dá, ao transmitir notícias a seu respeito?

São citados sob os seguintes rótulos: terroristas-7, subversivos-4, contrarrevolucionários-2, inimigos do governo-2, bandidos-2, guerrilheiros-1, piratas aéreos = “castronautas”-1, extremistas-1, da extrema esquerda-1, revolucionários políticos-1.

Quem é apontado como integrante destes grupos? Jovens-2 (menos de 23 anos), estudantes-2(56%), moças-1 (20%, por questões pessoais), drogados-1, freira-1.

Em duas oportunidades há referências a afirmações que atestam a existência de tortura, matança de índios, falando de ditadura militar, de falta de liberdade. A FD debate: tudo isso é sensacionalismo! (nº 24) É criado pela imprensa tendenciosa nos Estados Unidos e na Alemanha e faz com que “estas tão bem informadas pessoas” (que na época se colocam contra a realização da V Assembléia da FLM em Porto Alegre)” não queiram ou não consigam compreender que no Brasil há mais liberdade e humanidade que em vários países europeus” (nº 24). Estas informações sobre o Brasil, segundo palavras de Médici, partem de “agentes de subversão internacional” (nº 25). Mas há também uma nota que transmite um pedido da OAB em relação a aprisionamentos feitos pela polícia da segurança, pedindo que haja respeito à constituição!

2.1.4.2.3 — Presidente Médici

Das 27 referências ao presidente Médici, 11 apontam sua presença em inaugurações. Trabalha-se muito, é o que se deduz, em seu governo. As inaugurações (18) dão-se nos mais diversos setores, principalmente em estradas. O presidente é gaúcho e gaúchos são em grande parte os leitores da FD: 3 de suas viagens ao Rio Grande do Sul são noticiadas. Além disso ele é mostrado da seguinte forma: defende a moral e os bons costumes, combate a subversão; indica o governador do RS; amplia o mar territorial do Brasil; reabre o Congresso; dá a conhecer o novo salário mínimo; revela-se contra torturas; garante a liberdade até mesmo para presos políticos; fala da necessidade de castigo para os criminosos que o merecem; mostra-se profundamente emocionado com os nordestinos (em sua miséria, capacidade de resistência, solidariedade e fé); pede a ajuda de todos os brasileiros aos nordestinos; recebe o dirigente da matriz da Volksvagem alemã; pede medidas severas contra o Esquadrão da Morte (mas seu pedido não é ouvido e o Esquadrão continua agindo); cria lei que garante que o empregado terá parte do lucro da empresa em que trabalha, pois quer justa distribuição de renda e zela para que os operários tenham oportunidade de fazer poupança e adquirir propriedades (nesta notícia, encontra-se na FD um comentário: com isto esvazia-

se de argumentos a críticas daqueles que querem a socialização, que são contra o capitalismo e falam da injusta distribuição de renda (nº 37); inaugura um estágio na barragem de Passo Real (está sendo feita uma reforma agrária junto a esta barragem, para reassentar os 1.500 colonos que terão que sair); luta contra o analfabetismo; é recebido com entusiasmo por uma multidão de 400 mil pessoas numa procissão em Belém; está aberto para reivindicações dos colonos e ouve seus pedidos; quer tornar o país cada vez mais independente da importação de trigo e pede aos colonos que plantem mais; é aberto às igrejas.

Quanto a este último aspecto, algumas notícias dizem o seguinte: o presidente convida clero e exército para a reabertura do Congresso; e em relação à IECLB, ele promete 1) estar presente na abertura da V Assembléia da FLM, e 2) quando já havia sido cancelada a realização da Assembléia no Brasil, ele recebe dirigentes da IECLB, convida-os para o almoço junto à sua comitiva que veio à FENAC e, em audiência, garante não guardar ressentimento sobre o cancelamento da Assembléia (nº 28).

2.2 — Outros meios na IECLB

Na IECLB há vários outros meios e momentos em que a Palavra de Deus é estudada e transmitida. Em vários deles, sobretudo nos meios de comunicação mais convencionais, há censura: por pressão interna ou externa, de forma consciente ou inconsciente, intencional ou por visão ingênua da realidade.

Pessoas ligadas a estes meios confessam, anos mais tarde: “Não existe liberdade de imprensa dentro da IECLB no sentido de ela atacar a instituição ou certas manifestações vigentes dentro da instituição. Não existe a liberdade de imprensa, da mesma forma, para assuntos sociais e políticos, o que é óbvio”(53). No mesmo encontro entre estudantes de Teologia e pastores em que estas palavras são ditas, o diretor do JOREV as reforça: “Há liberdade de imprensa nos moldes apresentados acima... mas não há garantias de independência, porque o Jornal Evangélico depende totalmente do CD e da igreja”(54).

(53) Afirmação de Hilmar KANNENBERG no IV Encontro de Pastores e Estudantes, registrada no **Órgão de Debates**, nº 9, p. 14.

(54) Depoimento de Jost OHLER no mesmo encontro, id., ibid.

Notem bem: estas afirmações são feitas em 1973, três anos após os dados que acabamos de colher. A FD, portanto, deve ser compreendida neste contexto e nesta situação: praticamente de mãos dadas, ou melhor, de mãos amarradas com quem controla a direção do que pode ser divulgado dentro e fora da Igreja. Há outros meios, porém, que não se sentem tão presos — ao menos em alguns momentos. Creio ser justo apontar para alguns, mesmo sem entrar mais a fundo em detalhes, para que não se crie e estimule uma visão unilateral de nossa Igreja e de seus meios de comunicação nesta época.

Em 1970 surge a idéia de que deve ser formado um Conselho de Imprensa na IECLB⁽⁵⁵⁾, um Departamento Jornalístico. Recomenda-se, por parte de uma comissão que estuda o assunto, “proporcionar formação jornalística a pessoas formadas em teologia para que no futuro tenhamos pessoas qualificadas para o trabalho jornalístico em nossa Igreja”⁽⁵⁶⁾.

Um momento importante neste ano em termos de formação, estudo e resolução do que será decisivo para a ação da IECLB é o Concílio Geral, em Curitiba. Mesmo não sendo um MCM, o Concílio é um meio de comunicação próprio da Igreja. Este Concílio, realizado em 1970, marca definitivamente a posição da IECLB em relação ao Estado. Trata-se de uma palavra singela, se comparada a pronunciamentos atuais, mas bastante corajosa, quando vista dentro do contexto em que o país se encontra e na situação da própria Igreja — ainda bastante abalada com as repercussões da transferência da V Assembléia da FLM. O “Manifesto de Curitiba” é uma demonstração sincera de quem pretende desempenhar “uma função crítica — não de fiscal, mas antes de vigia... e de consciência da nação... e sempre com a intenção de encontrar uma solução justa e objetiva”⁽⁵⁷⁾. O futuro redator do JOREV, ao relembrar este Concílio, comenta, talvez com certo exagero, mas não sem razão: “Parece que pela primeira vez a IECLB tomou conhecimento do mundo que a rodeia”⁽⁵⁸⁾.

Quero apontar, neste contexto, para o que acontece aqui, nesta casa, em 1970. Este é o ano em que a Sociologia passa a fa-

(55) Cf. **Órgão de Debates** n° 3, p. 13s.

(56) id., p. 14.

(57) Germano BURGER, comp., **Quem assume esta tarefa?**, p. 38.

(58) Jost Od. OHLER, **Im Rückspiegel**, p.8.

zer parte do currículo da Faculdade de Teologia. E surge algo novo, em termos de comunicação: os encontros entre estudantes e pastores, que marcarão época por vários anos. Destes encontros surge um material mimeografado, divulgado apenas entre obreiros da IECLB e estudantes da Faculdade: o "Órgão de Debates". Feito de modo artesanal, vinculado a estes encontros, o OD torna-se palco para veicular informações que conseguem escapar ao controle que vem "de cima". De "distribuição interna-particular", o OD tem 4 edições neste seu primeiro ano e traz dados que não são divulgados em outros lugares, abrindo espaço para quem não o encontra em outros meios de comunicação. As referências à V Assembléia, p.ex., apresentam diversos enfoques, não apenas o oficial. A própria direção da IECLB é colocada, em vários instantes, sob uma luz bastante crítica e irreverente, por decisões que toma — ou deixa de tomar — em certos momentos e questões. Abordam-se temas, como: Igreja e Estado, Reflexão crítica sobre o estudo e a vida comunitária na Faculdade de Teologia, Ensino Confirmatório, Educação Moral e Cívica, este "bispo comunista" D. Helder Câmara, Concílio Geral, Bandeiras nas Igrejas, Direitos Humanos, Prisão de padres, Torturas... Com o passar do tempo, o OD e os Encontros entre estudantes e pastores concentram-se, como também o fazem os concílios e encontros em outros níveis na Igreja, na reformulação interna da própria IECLB. Tem fundamento a suspeita de que, quanto mais são cortados, inibidos e censurados os passos da IECLB na sociedade em que se situa, tanto mais ela se volta para dentro de si. Ao invés de tentar compreender com mais profundidade a realidade que a cerca, procura identificar os seus próprios problemas. E toda a energia é dirigida para transformações internas. Quem mais se manifesta a este respeito — poderiam ser outros??? — são pastores, professores e estudantes da Faculdade de Teologia.

3.0 — Teses

Normalmente colocam-se teses para o início de uma discussão. É o que pretendo fazer agora: não encerrar esta preleção com conclusões que pudessem dar a impressão de um trabalho acabado, mas colocar algumas teses a partir do que foi visto nesta noite. Faço-o, na esperança de que nos animem a retomar o tema "comunicação cristã" em outros momentos, tornando-nos parceiros de diálogo e estudo.

Enumero-as, não por ordem de importância, apenas para distingui-las:

1) A Igreja deve continuar a comunicar a Palavra pelo meio que adotou desde a sua fundação: a comunicação interpessoal, isto é, de pessoa a pessoa, em grupos, formando comunidade. É erro imaginar que a transmissão do Evangelho pelos MCM possa substituir a comunicação interpessoal, própria da Igreja, nas suas mais diversas formas.

2) Os MCM devem ser veículos pelos quais a Igreja possa levar informação: formando, esclarecendo, deixando claros os critérios a serem adotados por aqueles que estão dispostos a comprometer-se com a Verdade e a Vida.

3) Ao penetrar no campo dos MCM, a Igreja não pode ignorar que está penetrando num terreno que não lhe é próprio e suficientemente familiar. Tendo ciência do poder que exercem, não lhe cabe combatê-los ingenuamente como se fossem a encarnação do próprio demônio. Tendo conhecimento real do alcance dos MCM e dos mecanismos que os regem, a Igreja, por outro lado, não estará correndo, ingenuamente, o risco de idolatrá-los (p.ex., acreditando piamente em tudo que dizem).

4) Ao procurar espaço para atuar nos MCM para comunicar a Palavra que lhe cabe transmitir, a Igreja deve conhecê-los suficientemente para que sua comunicação seja eficiente. Deve adaptar sua pregação a estes meios, sem que, ao fazê-lo, perca sua identidade e a clareza do que deve comunicar. Mudam necessariamente as formas, sem que se altere o conteúdo. Mudam as palavras humanas, mas a Palavra de Deus permanece sendo a sua orientação fundamental.

5) Cabe à Igreja ter uma postura crítica em relação aos MCM e fortalecê-la em todos os seus membros. Os critérios para tal análise crítica, a partir do Evangelho, devem ser procurados, esclarecidos, divulgados.

6) A Igreja corre constantemente o risco de ser usada por grupos ou pessoas que exercem o poder sobre os MCM. Cabe-lhe procurar identificá-los, para conhecer as reais intenções deles. Se não o fizer, a Igreja certamente será jogada de um lado para outro, ao sabor de ventos políticos, econômicos, ideológicos... Identificados os que detêm o poder nos MCM que usa, ela deve decidir

ao lado de quem se coloca e responder a uma pergunta que sempre lhe é renovada: de que lado está? junto a quem?

7) A Igreja não tem como fugir — e de fato nunca fugiu — de dar esta resposta, pois não há comunicação politicamente neutra: ou ela ajuda a reforçar o que existe, ou joga luzes e dados que possam levar a transformações. No momento em que se posiciona sobre questões públicas, a Igreja não consegue ser neutra. Deveria ser?? Mesmo que quisesse, não o conseguiria. Quando veicula informações, está ajudando a construir ou a derrubar imagens e conceitos.

8) Os tempos são outros. Diferentes de 1970. Houve mudanças, sobretudo no campo político-social. Alterações profundas verificaram-se também na forma de a Igreja transmitir a Palavra pelos MCM. Em todos os tempos, haja maior ou menor repressão, sob qualquer tipo de censura e manipulação de informações, convém à Igreja que **jamaís** abdique de sua função de vigia. Nesta tarefa, ela nunca pode ter descanso.

9) A característica maior da comunicação cristã é que seja confiável. Todo o cristão é um comunicador: o redator de um jornal cristão, o pastor em sua prédica, o membro em suas perguntas, respostas e atitudes, o presbítero em suas decisões... Cada cristão, cada comunidade, deve reconhecer que, ao comunicar, o faz usando "filtros". Ninguém é isento de preconceitos. Formação e personalidade, idade, cor e sexo, posição: são algumas das marcas que todos temos. Cientes deste fato, cabe-nos — como Igreja — uma constante autocrítica: até que ponto os meus filtros deturpam a transmissão do Evangelho? até que ponto dão um caminho e um colorido estranho à Palavra de Deus? Sabemos que a pessoa que ouve uma prédica ou lê o JOREV, p.ex., depreende do que lê, ouve e vê, a posição da Igreja, de cristãos. E nesta posição ele quer confiar, precisa confiar, deve confiar, mesmo que por vezes não concorde com os termos em que é colocada.

10) É fundamental reconhecer que, no compromisso com a Verdade e a Vida, não podemos agir apenas com a nossa boa vontade e no impulso da emoção. É essencial um profundo conhecimento do mundo em que nos situamos, o qual, de certa forma, procura nos moldar ou envolver. Para chegarmos a este conhecimento, também em termos de comunicação cristã, não basta que o façamos exclusivamente através de estudos bíblico-teológicos.

Devemos abrir espaços para uma participação e parceria efetivas a pessoas e instrumentos de áreas afins à Teologia. Trata-se evidentemente de um trabalho em equipe: jamais restrito a especialistas — a teólogos; por outro lado, jamais abdicando da participação deles.

BIBLIOGRAFIA CITADA:

- ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)**. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1984.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- BURGER, Germano, comp. **Quem assume esta tarefa?** São Leopoldo, Sinodal, 1977.
- CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1982.
- CIVITA, Victor, comp. **Nosso século; 1960/1980**. São Paulo, Abril, 1980.
- GUARESCHI, Pedrinho A. **Comunicação & Poder**. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 1985.
- _____. **Sociologia crítica**. 3. ed. Porto Alegre, Mundo Jovem, 1985.
- LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil contemporâneo**. 2. ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.
- OHLER, Jost Od. Im Rückspiegel. **Jornal Evangélico**, São Leopoldo, 1 jan. 1972, p. 8.